

● Análise Estratégica do Turismo na Obra de Roque Santeiro ou Berço do Herói

● Carla Conceição Lana Fraga (cfraga@acessa.com.br)*

Resumo

Este artigo enviado por uma de nossas leitoras, a estudante de turismo Carla Fraga, tem como principais objetivos: investigar a presença de todo e qualquer resíduo turístico na obra Roque Santeiro ou Berço do Herói do escritor Dias Gomes; e avaliar questões como cultura brasileira, mitologia e a demanda pelo turismo religioso em Asa Branca - isto como forma de crítica à construção de demandas turísticas por lugares enganosos sem a preocupação ético-social necessária.

Introdução

Roque Santeiro ou Berço do Herói é uma obra literária de extrema valia para se observar como o turismo, muitas vezes, é tratado apenas como esperança desajustada pelo progresso.

Analisar estrategicamente significa, antes de mais nada, observar o momento histórico, social e cultural do Brasil - década de 60 - quando esta peça foi escrita. Como também avaliar seus reflexos na atualidade.

O segundo ponto de análise tange à observação do sistema de crenças e mitos do povo brasileiro, assim como sua relevância para a formatação de atrativos e destinos turísticos.

E por último busca-se avaliar a (des)construção do mito como impacto social e econômico para uma cidade imaginária - Asa Branca, a qual é um modelo especular de muitas cidades de pequeno porte existentes, ainda hoje, no interior do Brasil.

A resultante do trabalho é delinear, através de uma obra consagrada pela Literatura Brasileira, o perigo da criação de mitos e atrativos turísticos de forma desordenada. Mas, principalmente é atentar para sensibilização a respeito dos perigos do desenvolvimento de qualquer atividade turística sem planejamento e responsabilidade social.

Escrita em 1963, a peça¹ Berço do Herói que dá origem ao romance Roque Santeiro foi duas vezes proibida de ser encenada em território brasileiro, haja vista o Golpe Militar de 64 que coloca a frente do país os militares e seu CSN - Conselho de Segurança Nacional.

Em 1965, na noite de estréia, a peça foi proibida, devido a esta tratar do mito do herói, e este ser caracterizado por um militar - o Cabo Roque. Quem assumiu publicamente a autoria da proibição foi o

Governador Carlos Lacerda, diga-se de passagem, pressionado pelo poderio militar.

Entre tentativas de transformar a peça em filme e outras manifestações artísticas culturais, o tempo foi passando e em 1975 GOMES resolveu adaptar a peça para a televisão. De militar, Cabo Roque passa a ser então Roque Santeiro - um artesão, fazedor de santo de barro. Mesmo assim a Censura Militar proíbe a exibição da novela. O que leva a uma comoção geral, tanto pela emissora que a iria transmitir - Rede Globo, como pelos espectadores, que já aguardavam ansiosos pela novela.

Depois dessas duas proibições a peça procurou outros cantos para ser encenada e foi nos Estados Unidos, em 1976², que ocorreu sua estréia mundial.

Após duas décadas de sua concepção, a obra, através da novela, encontrou a possibilidade de ser exibida no Brasil. Sendo de extrema valia lembrar que em 1985, quando a novela foi liberada, o Brasil já estava inserido num processo de redemocratização. Portanto, a novela é uma crítica ferrenha aos momentos anteriores, regidos pela ditadura. O turismo, por sua vez, foi apenas pano de fundo a essa crítica, não sendo totalmente analisado sobre as premissas da noção científica que a política de turismo deve assumir, ou seja, a de "ser uma ponte entre a análise econômica turística abstrata e a ação concreta.."(BENI,2001).

Por fim, a novela foi um sucesso, não só nacionalmente como também internacionalmente, e os personagens de Berço do Herói, texto original, tiveram de ser adaptados, pois adquiriram, ao longo do tempo, um caráter popular muito grande. A peça então foi enriquecida com cenas sugeridas pela novela.

A história de proibições encerra em si também as proibições da história que são

* Bacharelada em Turismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora - 7º período.
Email: cfraga@acessa.com.br

1 22 de Julho de 1965. Teatro Princesa Isabel. Rio de Janeiro - RJ.

2 28/11/1976 .Teatro "The Playhouse". Departamento de Teatro e Cinema da Pennsylvania State University.

muitas, como a (des)construção do herói militar, anteriormente citada e expressamente proibida pelo poder militar da época de ser exibida pelos meios de comunicação.

Outra proibição certa da história e que abala o falso turismo desenvolvido no destino fictício Asa Branca, é o fato de se esconder a verdade da população da cidade. Proibir que a história verdadeira do Cabo Roque fosse contada aos cidadãos, pode ser entendida como alusão às várias políticas públicas e privadas, desenvolvidas ainda hoje, que em busca de benefícios próprios manipulam toda uma população através da ferramenta, aqui podendo ser nomeada como ideológica, que o turismo se torna. Esquece-se, assim, de toda a responsabilidade social que o planejamento adequado do turismo e o exercício da cidadania devem assumir. Neste contexto a política pública do turismo "(...) é a espinha dorsal do "formular"(planejamento), do "pensar"(plano), do "fazer"(projetos, programas), do "executar"(preservação, conservação, utilização e ressignificação dos patrimônios natural e cultural e sua sustentabilidade), do "reprogramar" (estratégia) e do fomentar"(investimento e vendas) o desenvolvimento turístico de um país ou de uma região e seus produtos finais" (BENI,2001) torna-se algo secundário e até mesmo inexistente em Asa Branca, o que vai provocar todo o desajuste advindo com o sonhado "progresso".

Desenvolvimento

Atualmente, o turismo frente à globalização e às exigências cada vez maiores dos consumidores por produtos personalizados, encontrou através da segmentação turística uma forma de atender especificamente aos variados gostos dos consumidores do trade³. Portanto, quando o assunto é Roque Santeiro e Turismo de

Massa⁴ é preciso definir primeiramente Turismo Religioso que "é o conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visitas a lugares ou regiões que despertam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade nos fiéis de qualquer tipo ou em pessoas vinculadas à religião⁵".

Muitas cidades, aludindo para o potencial específico de sua localidade, preferem se especializar, se tornando assim um destino turístico relacionado a algum tipo de segmentação turística. O que não evita a manifestação do Turismo de Massa, caso o destino não seja devidamente planejado para receber tal demanda turística.

É no contexto do não-planejamento e oportunismo que Asa Branca - a cidade criada por GOMES, passa a ser palco de toda a trama ficcional de Berço do Herói ou Roque Santeiro e também um modelo para análise do Turismo de Massa e suas consoantes. Situando e caracterizando, Asa Branca é uma típica cidade de pequeno porte, interiorana, que enxerga, por seus personagens poderosos (Sinhozinho Malta, Viúva Porcina), a possibilidade de vantagens pessoais e progresso pela criação de um mito, o Roque Santeiro.

Roque Santeiro, por sua vez, é uma mistura de herói de guerra com santo, que além de ser uma crítica social a instituições como Exército e Igreja é também uma crítica à ingenuidade do povo que aceita qualquer forma de salvação como verdade, mesmo que essa seja uma falsa mitificação. Ainda pode-se dizer que no estudo do turismo, Roque Santeiro é uma crítica à criação de atrativos turísticos irresponsáveis e, por conseguinte, à atração de uma demanda desordenada de turistas, o que gera um turismo de massa destrutivo para a cidade imaginária e serve de modelo para análise de cidades reais que passam pelos mesmos problemas.

3 Trade turístico é o mercado do turismo. No qual agências, hotéis e outros oferecem seus serviços aos consumidores, ou seja, os turistas.

4 Qualquer forma de turismo desenvolvido por um contingente grande e coeso de pessoas sem preocupações maiores com o equilíbrio e capacidade do meio ambiente e cultural visitado.

5 ANDRADE, José V. Turismo: fundamentos e dimensões. São Paulo: Editora Pioneira, 1991. P. 77.

Asa Branca, a cidade que tem como referencial geográfico, por citação ao longo da obra, a capital da Bahia - Salvador, encontra-se em pleno Nordeste Brasileiro dos anos 60. E não é tão imaginária assim, se considerarmos suas características. Quantas Asas Brancas não existem por todo o Brasil?

O turismo na década de 60 no país ainda era muito insipiente e empírico, haja vista que a primeira faculdade de Turismo criada em terras brasileiras data de 1970⁶ e o I Encontro Nacional de Turismo é realizado em 1968. Diante desse panorama, talvez a crítica de GOMES ao escrever Berço do Herói não chegasse a tanger os pilares da falta de planejamento turístico como crítica totalmente consciente e condizente com os problemas que o turismo enfrenta atualmente. Pois, ao pensar em criticar a política pública do turismo, que é o alicerce da discussão sobre planejamento turístico, deve-se pensar também que "o estudo da política de turismo é sempre feito dentro da realidade comum de quase todos os países, a de um sistema econômico misto de mercado em que, ao lado dos poderes públicos, existem outros centros de decisão constituídos de organizações privadas e associações de classe nacionais e internacionais, que interferem decisivamente no Sistema de Turismo (Sistur⁷)." E nesse contexto, nota-se que GOMES não parte dessa premissa de análise, sendo seu foco principal criticar amplamente setores da sociedade brasileira da época. Portanto, justificado então a necessidade que o estudo, com enfoque turístico da obra, seja incluído nos estudos turísticos como forma de discussão a respeito do que seja realmente planejamento turístico e responsabilidades sociais no Brasil.

Asa Branca, mesmo tendo em sua finalidade ser crítica a outros contingentes políticos, sociais e econômicos da época; para o turismo, a cidade fictícia serve

atualmente de fonte de análise da falta de planejamento turístico e, portanto, falta de responsabilidade social e compromissos com uma política voltada para o desenvolver sadio do turismo.

A alimentação de um mito falso também deve ser discutida aos brados fausticos⁸, no qual a elite através de seu poder político trava um acordo faustico objetivando a chegada do progresso e, portanto, da modernidade a um lugar, sempre citado na obra como: "Esquecido por Deus".

Antes de delinear o quadro populacional e a elite asa branquense, é justo descrever e analisar os cenários que a cidade apresenta. Como o livro é a peça de teatro, conta-se com todo um situacional cênico e geográfico, a exemplo da descrição da base cenográfica da peça:

A base cenográfica da peça é a praça, com o monumento a Cabo Roque: um soldado empunhando um fuzil no momento em que é baleado. Os demais ambientes serão apenas sugeridos com dois ou três objetos facilmente transportáveis. Uma tela para projeção.

(R S, 13)

Nessa base cenográfica é importante destacar duas coisas, uma é o Monumento a Cabo Roque e a outra é este estar na Praça. O monumento serve não só como forma de homenagem e referencial para o turismo, mas principalmente como um objeto que incita ao que RODRIGUES diz a respeito de algo muito mais tênue que cimento e formas, a memória coletiva e individual. Isto em seu artigo Preservar e Construir : o patrimônio histórico e o turismo: A memória social aflora, assim, como portadora de historicidade; as condições de construí-la são mutáveis e ela reflete as relações políticas, de possibilidades de exercício de direitos, que cada segmento social e também cada indivíduo tem em determinado tempo⁹."

6 Faculdade de Turismo da Anhembí Morumbi. São Paulo - SP.

7 BENI, Mário C. A política do turismo. P.177.

8 Alusão ao Fausto de Goethe e o pacto que Fausto tem que fazer com Mefisto para conseguir todo o poder e progresso que almeja.

9 Turismo e Patrimônio Cultural/organização Pedro Paulo Funari, Jaime Pinsky - São Paulo: Contexto, 2002.2ª ed. (Coleção Turismo Contexto) P. 18.

Entende-se também que o Monumento a Cabo Roque na cidade de Asa Branca seja mais uma forma representativa de manipulação ideológica que realmente um símbolo que promova o exercício da cidadania daquele povo. A estátua assume um papel de projeção do orgulho e obrigações cívicas. Explicando melhor: é como se a população além de depositar orgulho por tudo aquilo que esta não foi capaz de fazer, ou seja, progredir junto aos mecanismos dos tempos modernos, sente-se conformada e isenta de exercer seus próprios deveres e direitos de cidadão, pois já teve um mártir, um herói maior que fez isto por elas.

A praça por si só como lugar de encontros e afetos das cidades pequenas; com seus bancos, histórias, fuxicos e coretos não assume aí a premissa dos "Não Lugares" articulados pelo escritor Marc Auge em seu livro homônimo, quando propõe que os lugares de passagem estão tão desumanizados que se tornam "Não lugares", ou seja, perdem sua fonte de referência para o ser humano. Julgando então que as pessoas dão mais atenção aos lugares que lhes sejam "sentimentais", tal como a "cama onde se faz amor com seu parceiro", entre outros que estejam intimamente ligados com a subjetividade humana.

Neste panorama, pode-se dizer que Asa Branca ainda não desumanizou sua praça com seu ícone - a estátua, como várias cidades do interior do Brasil, mas com certeza desumanizou sua gente, que desloca para a figura do herói toda a responsabilidade social que lhes é cabida. E, portanto, contribuindo assim para a formatação de um turismo desenfreado, de bases esdrúxulas. Mas como todo pacto faustico tem seu preço, Asa Branca irá pagar o seu, quando tiver de lidar com a volta deste herói tupiniquim falso. Daí o palco para o descontrole de todos os personagens - que

irão ser apresentados logo a seguir - tomar outro passo, que não a praça, adentrando a boate, o bordel, a igreja, a casa da viúva Porcina entre outros. E é nesta hora que o Não Lugar de Auge assume o controle da praça como lugar de passagem, pois pouco importará neste momento a imagem, a estátua, o santo ou herói, pois tudo que antes era a "mais santa verdade", não passa de uma grande mentira.

Asa Branca é comandada por uma elite, sendo aqui destacados seus personagens célebres e sua interface com as possíveis críticas sociais às instituições que estes representam. Sinhozinho Malta, Zé das Medalhas, Viúva Porcina, Prefeito Florindo Abelha, Padre Hipólito, Mocinha, Dona Pombinha e o próprio Roque Santeiro, ou se preferir Cabo Roque, representando respectivamente: o poder público desenfreado, o comércio e o processo de industrialização, o ser primitivo e naturalista, o poder público submisso, a igreja, o pacto com a pureza e, portanto, um contra-senso com os tempos modernos, a beatice e por último o herói que está mais caracterizado como anti-herói que tudo.

A população de Asa Branca, mediante a todo esse poderio e trama, torna-se coadjuvante e personagem único, representando sempre a massa manipulável e recheada de mitos e credices absurdos. Esta ingenuidade pode ser atribuída a falta de recursos desse "personagem coletivo" em adquirir uma liberdade, mas também como uma forma de crítica ao próprio acomodamento do povo, quando a situação lhe é conveniente. Observar este modelo de cidade e sua interligação com o turismo é riquíssimo, pois ao se deslocar para o mundo real a cidade fictícia de Asa Branca, encontraremos cidades similares tais como Juazeiro do Norte, Aparecida do Norte e outros destinos do Turismo Religioso, que apesar de tratarem de símbolos católicos,

não falsos, ainda assim são mal planejadas, sem políticas de turismo adequadas que privilegie seu planejamento e desenvolvimento social desejáveis.

Voltando a Asa Branca, nota-se que para todos era muito mais conveniente que Roque nunca tivesse voltado e o turismo fosse crescendo de forma desordenada, pois assim interesses públicos, privados e, principalmente, pessoais seriam mantidos.

O mito conta uma história sagrada; relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos "começos". Dito de outra forma, o mito conta como, graças aos feitos dos Seres Sobrenaturais, uma realidade veio à existência, seja a realidade na sua totalidade, o Cosmos, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição (...). A partir desta definição de mito observa-se que Roque Santeiro é um mito que veio a tona por conta de um comportamento humano, ou melhor dizendo social. Pelas palavras de Malta, em seu discurso na inauguração do Monumento em homenagem ao militar, avalia-se a abrangência da mitificação do cabo Roque por uma elite local descompromissada com qualquer tipo de Política Turística.

Foi um herói, um cabra macho. Graças a ele as tropas brasileiras na Itália conquistaram seu primeiro triunfo. Graças ao seu gesto magnífico, lançando-se de peito aberto contra a metralha, aquele batalhão, encorajado pelo seu exemplo, levou de roldão as terríveis hordas nazistas.

(R S, 16)

O discurso de Sinhozinho Malta não é acrescido aí pela fala que mais caracteriza seu personagem "Tô certo ou tô errado?" Mas toda a fala é permeada por um tom de certeza absoluta do fato, o que é também um reflexo da cultura popular brasileira, haja

vista o Coronelismo ainda existente no interior do país, ou seja, a imposição de valores por uma classe dominante, provocando assim uma alienação e manipulação (às vezes permissiva) dos ouvintes. Para o turismo, entende-se que o povo, ao invés de assumir seu papel no exercício da cidadania e, portanto, exercício das políticas públicas do turismo, esse fica alienado, permitindo ser comandado pelo "outro" - no caso Sinhozinho Malta.

O folclore¹⁰ brasileiro assume destaque ao se avaliar o potencial turístico de uma região. Quando se pensa em Brasil, o folclore é riquíssimo enquanto uma expressão ímpar de toda a cultura nacional. Nota-se que as manifestações folclóricas em muito se aproximam das comemorações religiosas, mas, é claro, não só se detendo a elas. E o filão Turismo Religioso se apropria de toda a expressão folclórica, artístico e cultural para construir seus atrativos. Em Roque Santeiro não é diferente.

E é por isso que todos ficam em pânico quando notam que podem perder esta fonte de renda e de progresso que é o turismo que se construiu em Asa Branca. Sinhozinho Malta é o primeiro a atentar para isto quando diz:

"Atentem nisso: há quinze anos que a cidade vive de uma lenda . Uma lenda que cresceu e ficou maior que ela. Hoje a lenda e a cidade são a mesma coisa. (...) Na hora que o povo descobrir que o Cabo Roque esta vivo a lenda está morta . E com ela a cidade também vai morrer. Tô certo ou tô errado?"

(RS,78)

Já o Prefeito Seu Florindo é o primeiro a atentar para o Turismo de fato, quando diz:

E o turismo, pensem no turismo. Já estava dando uma renda ao Município.

(...) Os três grandes hotéis que temos hoje.

10 Saber tradicional do povo. Deriva da junção de Folk Lore proposto por Willian John Thoms em sua carta publicada por The Atheneum em 22/08/1846.

(RS,84)

O fim do turismo, neste estágio, também significará o fim de muitos empregos e o abalo nas estruturas econômicas da cidade. Portanto, o início do caos. Uma pergunta que pode ser feita ao ver inventariada na fala do prefeito os três hotéis existentes em Asa Branca diz respeito à forma como estes hotéis foram construídos. Com certeza as premissas da especulação imobiliária e do benefício próprio foram utilizadas, em detrimento ao planejamento turístico e à responsabilidade social de todos.

E Porcina, com toda a sua primitividade, consegue enxergar que a única coisa que não vive do turismo em Asa Branca é a Fabrica de Azeite de Dendê, mas que por esta chamar Cabo Roque, também estará falida. Ela também enxerga que a Estrada de Rodagem irá parar pela metade e a tão sonhada ligação entre Asa Branca e Salvador estará interrompida para sempre. Isso pode ser avaliado como reflexo do mal planejamento turístico, mas, principalmente, como falta de ética da elite em criar uma mentira como atrativo turístico.

O perigo do mito em detrimento do conhecimento filosófico e científico fica muito nítido neste momento, uma vez que, invés de percorrer por caminhos mais seguros em busca do progresso, a escolha da elite da cidade foi em contar uma grande mentira para o povo sem medir suas responsabilidades sociais e éticas com o desenrolar do turismo e da mentira.

Em prima definição "atrativo turístico é a matéria prima (recursos naturais, sociais, culturais e tecnológicos) com a qual se pode planejar o turismo em determinado local. É tudo que atrai o turista, tendo capacidade própria ou em combinação com outros¹¹."

Roque Santeiro se transformou em atrativo turístico principal da cidade ficcional Asa Branca, criada por Dias Gomes e nota-

se que este mito só atingiu grandes proporções por ter se inserido no sentimento de patriotismo, e, principalmente, na religiosidade da comunidade local. Pois além de herói, Roque também adquiriu contornos de santidade. Mas será que a comunidade local foi questionada a respeito da criação desse atrativo turístico? Sabe-se que não, essa comunidade assumiu um papel coadjuvante importante no enriquecimento deste mito, sendo cegada pelos benefícios imediatos do turismo.

A construção do herói se dá pelo discurso dos poderosos da cidade, principalmente Sinhozinho Malta, que - após receber a ordem do dia 18 de setembro de 1944 pelo 6º Regimento de Infantaria avisando da morte de Cabo Roque - vê na possibilidade do casamento fictício (entre Roque e Porcina) e, portanto, o enviuvamento de Porcina, uma chance de levá-la como amante para Asa Branca sem despertar a curiosidade local, uma vez que Sinhozinho Malta era casado. A responsabilidade social pelo desenvolvimento de uma farsa na cidade que levará toda uma população e turistas à teatralização, nem é cogitada por Sinhozinho Malta e viúva Porcina. Pois esses são personagens - espectro da alusão a políticas públicas e privadas, utilizadas em benefício próprio, que corroem com qualquer possibilidade de desenvolvimento sadio do turismo.

A partir daí que toda a trama da construção do herói é travada. E comemorações como o nascimento, morte e até mesmo primeira comunhão do Cabo Roque passam a fazer parte do Calendário de Eventos da cidade - haja vista que Calendários de Eventos têm de ser altamente planejado para que o turismo encontre a coerência entre demanda e oferta turística - atraindo assim uma gama de turistas e fanáticos religiosos, que vinham

¹¹ SENAC Turismo não é só diversão é muito trabalho também. 2000.

atrás das curas que o Roque Santeiro poderia promover, independente do questionamento das bases sólidas deste mito, herói, santo ou sabe-se lá o que.

Uma forma muito interessante de metalinguagem da obra e de marketing turístico para a cidade de Asa Branca foi a investida na criação de um filme-documentário sobre a vida e morte de Roque Santeiro. Isto foi como um vídeo-divulgador do destino turístico religioso Asa Branca, não só para o Brasil como para o mundo todo. Provocando, mais ainda, um turismo desenfreado, desorganizado e sem planejamento estratégico. O progresso, assim como a estrada que liga Asa Branca a Salvador, foi sendo construído, mas de forma a burlar algumas leis. Haja vista que a estrada passaria pelas terras de Sinhozinho Malta, prejudicando com aumento de distância o povo e valorizando o que era de sua posse.

O Herói de fuzil na mão que está no centro da praça de Asa Branca foi transformado em souvenirs para os turistas levarem para a casa um pedacinho do Santeiro. E o astuto Jiló vendia "todo o uniforme do exercito brasileiro" jurando que aqueles pedacinhos eram da farda do pseudo herói morto. Isto pode ser entendido como uma exploração do turista, que era enganado. Se o município tivesse uma política de turismo com a sensibilização do comércio local a respeito de estratégias de marketing com certeza tal abuso não ocorreria.

Quem lucra abusivamente com a venda de lembrancinhas e amuletos é o empresário Zé das Medalhas que pode ser o personagem que mais expressa o caráter faustico de busca de riquezas materiais. Zé das Medalhas, quando o Cabo Roque aparece em Asa Branca, está altamente endividado por ter adquirido uma maquina que produz mil medalhinhas por minuto. Sendo, portanto, de seu interesse que Roque

nunca tivesse voltado por aquelas bandas.

A imagem do herói esta construída, o turismo como fonte de multiplicador de rendas estabelecido e progresso desenfreado de Asa Branca decretado. Mas eis que chega o Herói, ele está vivo. E além de vivo, ele retorna a cidade mais politizado, constituindo-se assim numa ameaça dupla.

A chegada de Cabo Roque à cidade é o ponto de partida para a desconstrução do herói. E quando se fala em desconstrução dialética refere-se, aqui, na confluência e divergência de interesses com relação à volta ou não de Roque Santeiro. A volta de Roque Santeiro poderia representar também um replanejamento turístico da cidade e portanto uma reordenação na busca pelo progresso. Mas isto é pouco cogitado. Santeiro que vem cheio de idéias, depois de suas andanças pelo mundo, a fim de investir em sua terra natal só encontra a desilusão, pois o herói que fizeram dele é um herói falso.

Na própria fala de Roque, ao saber de tudo que foi tramado em seu nome e opinar, pode-se notar a questão do anti-heroísmo.

Sabem o que eu acho? Que o tempo dos heróis já passou. Hoje o mundo é outro. Tudo está suspenso por um botão. O botão que vai disparar o primeiro foguete. Esse que é o verdadeiro herói, o verdadeiro deus, o deus-botão. Pensem bem, o fim do mundo depende do fígado de um homem. (RI). E vocês ficam aí cultuando a memória de um herói absurdo. Absurdo sim, porque imaginam ele com qualidades que não pode ter. Caráter, coragem, dignidade...não vêem que tudo isso é absurdo? Quando o mundo pode acabar nesse minuto. Isso mesmo, num segundo pode ir tudo pras picas. E isso não depende de mim, nem de vocês, nem de nenhum herói. (Pausa. Sonha os rostos impassíveis do General e do Prefeito.) Adianta não. Vocês querem porque querem um herói. A glória da cidade precisa ser mantida. A honra do exército precisa ser mantida.

(RS,131/2)

A partir das palavras de Roque, pode-se mensurar que haja uma convergência de interesses. Uma vez que o Herói quer ficar e então ele se torna em um não-herói abalando a honra da cidade. E os opositoristas, que desejam que Roque vá embora e que sua figura de herói seja mantida.

A convergência de interesses aparece quando Roque demonstra seu caráter humano e, portanto, anti-heróico. E todos o julgam por isso. Há também a busca das forças maiores, ou seja, do Exército Brasileiro, que envia um General para resolver o impasse. Mas de nada adianta, pois o impasse só é de fato resolvido quando este herói é morto covardemente, transformando-se no anti-herói mais heróico da história da literatura brasileira. Que morre em um bordel, nas mãos das putas, apedrejado pelas beatas.

E um acordo feito entre Sinhozinho Malta e D. Matilde - dona do Bordel, faz com que a Boate Sexus seja aberta. O preço do pacto faustico é pago pela Igreja que tem que aturar tudo e ainda aplaudir, senão o segredo do anti-herói poderia ser revelado por Matilde e suas meninas.

A abertura da boate inaugura também um novo tempo para Asa Branca, que agora encontra no Turismo Sexual¹² um filão para o seu desenvolvimento e progresso. Haja vista um trecho do discurso do Prefeito:

... que tanto tem colaborado com nosso plano de turismo e diversão. Plano que, se Deus quiser, há de fazer de Asa Branca uma cidade digna de Cabo Roque, aquele que morreu lutando pela democracia e pela civilização cristã.

Aplausos.

(RS,147)

E por fim se faz importante destacar a cantoria de Malta e posteriormente do resto

da elite de Asa Branca:

Assim, senhoras e senhores, foi salva nossa cidade. Com pequenos sacrifícios de nossa dignidade, com ligeiros arranhões em nossa castidade e algumas hesitações entre Deus e o Demônio conseguimos preservar todo o nosso patrimônio.

(RS,147/8)

Fica nítido que os tempos podem mudar, mas que uma cidade governada pela ignorância nunca se planejará com relação a nada, nem turismo, nem progresso. Cidades deste tipo só se planejarão em benefício de uma minoria. E é para isto que as ferramentas da literatura, do turismo e dos outros saberes têm que direcionar seu olhar e estudos a fim de desmascarar os pseudos heróis e cânones de seu tempo, propondo uma releitura e um planejamento estratégico dos lugares, sejam estes materiais ou imateriais; com compromisso social diretamente ligado aos interesses de uma maioria, mais informada e portanto menos alienada e manipulável.

Considerações finais

Através da análise estratégica da obra de GOMES, conclui-se que os tempos podem mudar, mas que a ignorância de muitos fica vinculada à proporcionalidade de seus lucros imediatos. Para isto que no campo do turismo é preciso que haja planejamento e acompanhamento de todos, seja poder público, privado e principalmente comunidades envolvidas, isto em busca incansável para a constante construção de um desenvolvimento baseado na sustentabilidade.

A literatura é um caminho pelo qual o homem entra em contato com o conhecimento múltiplo produzido além de seu tempo. Seja das idéias registradas de escritos do passado, seja pelas projeções de idéias dos escritores que têm um horizonte futurista em suas discussões. Mas só a partir

¹² Turismo Sexual é uma segmentação de mercado, também denominado Pornô Turismo.

do presente que é viável pensar passado e futuro, pois é só no momento de agora que se pode planejar e construir alguma coisa concreta. Foi por isto que se escolheu a obra Roque Santeiro ou Berço do Herói para travar o relato e a discussão a respeito das responsabilidades sociais do turismo mediante um cenário já produzido e conhecido do grande público - Asa Branca, a cidade que é um modelo atemporal para discussão do que seja turismo de massa, responsabilidade social, planejamento e sustentabilidade turística.

O modelo Asa branquense e várias Asas Brancas estão aí, intimamente registrado em nossa cultura literária e espalhados geograficamente por todo o país, prontos para serem dissecados pelos saberes turísticos, prontos para serem reconstruídos por novas técnicas e tecnologias de planejamento, basta o interesse dos olhares críticos e sensibilidade dos profissionais da área.

Por fim, é justo observar que interrogar o passado e o futuro a partir do presente é o melhor posicionamento para se lidar com as dúvidas. Construir respostas talvez não seja o intuito deste estudo, nem da vida acadêmica como um todo. O objetivo maior é promover dúvidas, pois são através delas que se entende melhor o que são as respostas. E no caso do turismo, que ainda é um estudo muito novo, as dúvidas só ajudam a construir melhor o que futuramente chamar-se-á Ciência Turística.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, José V., Turismo: fundamentos e dimensões. São Paulo: Editora Pioneira, 1991.
- AUGÉ, Marc. Não Lugares. São Paulo: Editora Papyrus, 1994.
- GOMES, Dias. Roque Santeiro, ou o berço do herói. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. 4ª ed. - (Prestígio).

SENAC. Turismo não é só diversão é muito trabalho também. 2000.

TRIGO, Luiz G. Godoi. Turismo: Como aprender, Como ensinar. São Paulo: SENAC, 2001.

Turismo e Patrimônio Cultural/organização Pedro Paulo Funari, Jaime Pinsky - São Paulo: Contexto, 2002. 2ª ed. (Coleção Turismo Contexto).